

SOBRE NEGAÇÃO E TEMPO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO

LÍLIAN TEIXEIRA DE SOUSA¹
(UFBA)

RESUMO: A relação entre a negação e a categoria Tempo tem sido explorada nos estudos em sintaxe gerativa desde Pollock (1989). Zanuttini (1996), por exemplo, argumenta que o núcleo Neg só pode ocorrer na presença de T(empo). Trabalhos mais recentes (RAMCHAND 2001; TEIXEIRA DE SOUSA 2012, 2015), no entanto, têm observado uma conexão entre as relações temporais que geram as interpretações de proposição e evento e a negação. Assim, nesse trabalho, caracterizam-se as estruturas [Neg VP] (Neg1) e [Neg VP Neg] (Neg2) no português brasileiro como negações de evento e proposição, respectivamente, e apresenta-se uma nova proposta para sua derivação tomando em consideração as noções de tempo e aspecto.

Palavras-chave: Negação, Tempo, Português Brasileiro

ABSTRACT: The relationship between negation and the tense category has been explored in studies in generative syntax since Pollock (1989). Zanuttini (1996), for example, argues that the Neg head can only occur in the presence of T(ense). Recent studies (RAMCHAND 2001; TEIXEIRA DE SOUSA 2012, 2015), however, have observed a connection between temporal relations that generate the interpretations of proposition and event and negation. Thus, this paper characterizes the structures [Neg VP] (Neg1) and [Neg VP Neg] (Neg2) in Brazilian Portuguese as negations of event and proposition, respectively, and presents a new proposal for their derivation, taking into account notions such as tense and aspect.

Keywords: Negation, Tense, Brazilian Portuguese

1. INTRODUÇÃO

A relação entre a negação e a categoria Tempo tem sido explorada nos estudos em sintaxe gerativa desde Pollock (1989). Esse autor propõe, comparando dados do inglês e do francês, a cisão da categoria flexional (IP) em TP e AgrP, que carregariam os traços de *tempo* e *concordância* em I, entre as quais a categoria NegP interviria. Assim, a negação do francês seria realizada a partir de dois itens de valor negativo, *ne* e *pas*, que corresponderiam, respectivamente, ao núcleo e especificador da categoria funcional NegP. Já a ordem seria obtida considerando-se que o núcleo *ne* (clítico) se move para uma posição adjunta a T(empo) e que, a esse núcleo, também se adjunge o verbo; o especificador *pas* se manteria na sua posição (em Spec, NegP, abaixo de TP), derivando uma sentença como (1):

* Universidade Federal da Bahia lilian.sousa@ufba.br

Agradeço aos pareceristas desta revista pelos comentários e sugestões que contribuíram para a melhoria do texto.

- (1) *Jean ne mange pas des andouillettes.*
 Jean NEG come neg art.PL andouillettes
 'Jean não come andouillettes'

Já Laka (1994), considerando a negação sentencial em inglês e em basco, associa à categoria NegP uma propriedade paramétrica. Segundo a autora, enquanto no inglês TP seleciona NegP, no basco, NegP é que selecionaria TP. As evidências dadas pela autora para o basco são a perda de adjacência entre Verbo e Auxiliar na presença da negação e o fato de essa língua licenciar *itens de polaridade negativa* (NPIs) em posição de sujeito, o que só seria possível se Neg for gerada ou se mover para uma posição acima de Spec,TP. Com isso, a autora argumenta que as categorias funcionais exibiriam variação na subcategorização de seus complementos, o que permitiria a existência de dois tipos de ordenação envolvendo TP e NegP: (1) TP seleciona NegP; ou (2) NegP seleciona TP.

Zanutini (1996) vai mais além na correlação entre Negação e Tempo e argumenta que o núcleo Neg só pode ocorrer na presença de Tempo, uma vez que a negação é agramatical com imperativos verdadeiros e esses não apresentam flexão de tempo (RIVERO 1994). Em estudo posterior (ZANUTTINI1997) analisa a posição dos marcadores negativos com relação à posição do verbo e de advérbios em TP e AspP, seguindo a hierarquia de advérbios de Cinque (1999). De acordo com a autora, marcadores negativos apresentam propriedades diferentes dependendo da posição em que ocorrem. E, com isso, apresenta evidências de pelo menos quatro posições para marcadores negativos na estrutura sintática, numerados em sequência na estrutura abaixo:

- (2) [_{NegP1} Non [_{TP1} V+Agr [_{NegP2} mica [_{TP2} [_{AdvP} already] [_{NegP3} niente [_{Asp perf.} V [_{past part} [_{Asp gen/progr} [_{AdvP} always [_{NegP4} NO]]]]]]]]]]]

Outro trabalho que estabelece uma relação entre tempo (de referência/de evento¹) e negação é desenvolvido por Ramchand (2001). A autora reconhece a possibilidade de diferentes marcações morfossintáticas para uma negação com escopo sobre eventos e sobre proposições, pelo menos no Bengali, que exhibe dois itens negativos (*na*, *ni*), ocorrendo em diferentes contextos morfossintáticos e com implicações aspectuais. Esses dois itens estariam em distribuição complementar dependendo da natureza da forma verbal negada: enquanto *na* é gramatical em verbos no presente simples e progressivo, passado simples e futuro e agramatical no tempo perfeito, *ni* se combina com frases no tempo passado e no aspecto perfectivo:

¹ A autora adota a abordagem davidsoniana de representação em semântica para distinguir as noções de tempo e evento. Nessa abordagem, há pelo menos duas relações distintas necessárias para que uma predicação seja coerente: (1) relação entre o evento (E) e o tempo de referência (R) e (2) relação entre tempo de referência e tempo de fala (S). A relação 2, S-R, distinguiria as noções de passado, futuro e presente, enquanto a relação 1, E-R, distinguiria as noções aspectuais de perfeito, prospectivo e neutro.

- (3) *ami* *am-Takha-cch-i* *na*
 eu-NOM manga-CLASS comer-PROG/PRES-1ps NEG
 ‘Eu não estou comendo a manga’
- (4) *ami am-Ta* *kha-ini*
 eu manga-CLASS comer-1ps NEG
 ‘Eu não comi a manga’

A autora, no entanto, argumenta que esses dois elementos não correspondem a diferentes formas de um mesmo núcleo funcional, mas a duas estratégias distintas de negação na semântica.

Na mesma direção de Ramchand, em Teixeira de Sousa (2012, 2015), argumento que o português brasileiro (PB) apresenta dois tipos de estruturas para expressar negação semântica: Neg1 ([Neg VP]) com escopo sobre eventos e Neg2 ([Neg VP Neg]) sobre proposições. As evidências apresentadas são a incompatibilidade de Neg2 em contextos de narrativas e encaixadas temporais, que têm sempre interpretação eventiva ou aspectual, e na possibilidade de Neg1 ocorrer em infinitivas. No entanto, embora os dados discutidos apresentassem uma clara distinção entre as duas estruturas no que diz respeito a tempo, a relação entre a categoria Neg e Tempo não foi discutida nesses trabalhos, relação essa que tem sido apontada como fundamental para a ordem linear em diversas línguas (ZANUTTINI 1996, 1997; LAKA 1994, etc). Assim, o objetivo do presente trabalho é discutir a relação entre Negação e Tempo a partir dos dados do PB, além de apresentar uma proposta de derivação dessas categorias na língua.

O artigo está organizado da seguinte forma: Na seção 2, são discutidos alguns trabalhos sobre como se dá a interpretação de *tempo/aspecto* nas línguas naturais. Na seção 3, descrevo algumas características do PB discutidas em Teixeira de Sousa (2012, 2015) para, a partir daí, apresentar uma proposta de derivação das sentenças. Por fim, na seção 4, apresento algumas considerações a respeito da relação entre Negação e Tempo.

2. ALGUMAS TEORIAS SOBRE TEMPO

Muito do que se discute hoje sobre a semântica de tempo/aspecto parte do trabalho seminal *The Logical Form of Action Sentences* (DAVIDSON, 1967). Nesse artigo, Davidson defende que muitos fenômenos das línguas naturais podem ser explicados se consideramos formas lógicas que apresentem quantificações sobre eventos, como as que incluem nominalizações, modificação adverbial, factivos, anáforas, plurais e, claro, tempo e aspecto. Nessa proposta, eventos são entidades sobre as quais um número indefinido de coisas podem ser ditas. Assim, o relacionamento entre uma sentença e sua forma lógica não é unívoca, mas uma variável possível, o que leva à introdução de um quantificador existencial.

Nessa perspectiva, eventos são indexalmente construídos de tal forma a preencherem uma localização espaço-temporal. Tempo é entendido como uma extensão composta de instantes e esses instantes são o que é denominado *evento* ou *eventualidade*. Para Davidson, eventos são identificados por sua posição na relação causal, o que significa que eventos com diferentes relações causais podem ocorrer na mesma região espaço-temporal e, da mesma forma, eventos que correspondem a descrições diferentes podem ocorrer na mesma relação causal. Assim, nessa proposta, sentenças são quantificadas existencialmente, com uma variável *evento*. Isso significa que em um evento ‘Brutus esfaqueou Cesar’, afirma-se que ‘o esfaqueamento de Cesar por Brutus aconteceu’, acrescentando um argumento eventivo *e* na grade temática de um predicado verbal (esfaquear: $\{x,y,e\}$).

No que diz respeito ao caráter quantificacional de Tempo, alguns autores vão tratar do uso de sintagmas adverbiais, que têm a função de quantificar sobre tempos, enquanto outros vão distinguir entre leituras genéricas e habituais através de quantificação sobre a variável ‘evento’, sugerindo um quantificador oculto *Gen* responsável por efeitos observados em genéricos e habituais. Para Kamp & Reyle (1993), a flexão verbal contribui para o significado de sintagmas quantificacionais, uma vez que nas línguas naturais sintagmas que explicitamente quantificam tempo têm parte de seu significado específico associado à flexão temporal do verbo que eles contêm, como em “vai haver um tempo em que...” ou “houve um tempo em que...”.

De acordo com Kamp & Reyle (1993), em alguns casos, expressões temporais não envolvem referência explícita a um tempo que é facilmente reconhecido dentro do contexto do discurso. Com isso, chega-se à interpretação de que a categoria Tempo envolve frequentemente algum tipo de *anáfora*, como num contexto de narração, no qual é possível perceber que há uma tendência em se tomar a segunda sentença como sequência da primeira e assim por diante, como em (5) abaixo.

(5) *Maria saiu de casa às 6h. Pegou um táxi. Foi para a rodoviária.*

A anáfora temporal não apenas adiciona poder expressivo e flexibilidade às línguas naturais, como também requer diferentes flexões verbais por causa de sua interação com o contexto no qual aparecem. Flexões determinam frequentemente o tempo do evento descrito ou o estado de coisas em cooperação com outros elementos da sentença na qual elas ocorrem, em particular com expressões que são geralmente entendidas como quantificadores sobre tempos.

A interpretação de Tempo como categoria anafórica tem trazido muitos desafios aos estudos semânticos. O quadro da Teoria da Representação do Discurso (KAMP 1981; PARTEE 1984; KAMP & REYLE 1993), por exemplo, trata da noção de anáfora temporal para dar conta de expressões temporais que dependem de elementos presentes no discurso para a sua contribuição semântica. Já no que diz respeito à quantificação, Kratzer (1995) observa, assim como outros autores, como Davidson (1967) e Stowell (1991), a existência de um quantificador existencial baixo na oração. Para Stowell, esse quantificador corresponde a um predicado eventivo que projeta um argumento evento, como o argumento mais alto da grade temática e que o operador existencial responsável pelo fechamento existencial é dependente da posição temática projetada. Em outras palavras, sem argumento evento não há fechamento existencial.

O mecanismo descrito acima tem sido usado para dar conta do caráter indexal atribuído às flexões temporais, que leva à interpretação sequencial no caso de narrativas e até mesmo à relação temporal entre tempo da matriz e tempo da encaixada. Esse índice é tratado na proposta de Reichenbach (1947) por meio do conceito de Tempo Referencial. A interpretação das diferentes formas de flexão temporal usadas em relações temporais se daria entre três índices temporais: tempo de enunciado, tempo de evento e tempo referencial. O tempo referencial é determinado via contexto ou por advérbios temporais.

Reichenbach apresenta ainda um conjunto de relações de ordenamento constituído de três tempos primitivos coordenados: (1) o tempo de evento (E), (2) o tempo de enunciado (S) e (3) o tempo de referência (R). Esses tempos coordenados podem ser simultâneos ou ordenados temporalmente um em relação ao outro. Assim, por exemplo, o perfeito é analisado como resultado da ordenação E-R-S (o tempo de evento antes do tempo de referência e o tempo de referência antes do tempo do enunciado), o presente perfeito como E-RS (E antes de R e R-S simultâneos). O autor argumenta que a semântica de todas as flexões temporais segue o mesmo esquema. Já para Hornstein (1990), S e E não são diretamente ordenados um em relação ao outro: a relação seria, na verdade, binária, S e R de um lado e E e R de outro.

O trabalho de Reichenbach distingue eficientemente o passado simples do passado perfeito, embora o único contexto em que a formulação de um tempo referencial é realmente necessária é o contexto de narrativa. Autores como Enç (1987) sugerem, no entanto, que o tempo presente, por exemplo, não pode ser tratado como flexão temporal por não induzir um antes ou um depois ao momento da fala (Tempo de Enunciado).

Ramchand (1997) também considera o caráter anafórico do tempo. Segundo a autora há uma variável evento que atribui um caráter referencial ao tempo, ou seja, a categoria tempo apresentaria propriedades anafóricas que permitiriam a estocagem, o acesso e a manipulação de pontos numa escala temporal para posterior referência. Assim, a autora faz uso de entidade temporal — variável $t(\text{empo})$ — e de entidade situacional — variável $e(\text{vento})$ — para tratar da interpretação de formas temporais e sua relação com aspectos lexicais e morfológicos, distinguindo, no entanto, duas relações necessárias à coerência de qualquer predicação: (1) relação entre o evento (E) e o tempo de referência (R) e (2) relação entre tempo de referência e tempo de enunciado (S).

Na proposta, a relação 2, S-R, distinguiria as noções de passado, futuro e presente, enquanto a relação 1, E-R, distinguiria as noções aspectuais de perfeito, prospectivo e neutro e a relação formal entre t e e se daria por um traço temporal τ (e) que mapeia um evento na linha temporal que ele ocupa. Assim, um evento tem como primitivos um tempo final e um tempo inicial (t_f , t_i) e a diferença entre as interpretações télica e atélica estaria na existência necessária de um ponto terminal t_f na interpretação de um evento [+télico]. Na proposta da autora, os traços de tempo ([+pas], [+fut], [+pre]) relacionam o t da predicação ao t^* do tempo de enunciado:

- (6) [+presente] $t=t^*$,
 [+passado] $t<t^*$,
 [+futuro] $t>t^*$

Também Butler (2005) e Stowell (1996) consideram o tempo como predicativo. Stowell (1996), por exemplo, descreve flexão de tempo como um predicado diádico de ordenamento temporal, que toma dois sintagmas temporais como seus argumentos. Na proposta de Stowell, há uma categoria (ZP) intervindo entre vP e TP que serve como um argumento interno de T denotador de tempo, denotando o tempo de um evento. O predicado flexionado localiza temporalmente a denotação de um evento (E) em relação à denotação do argumento externo. Assim, passado significa que o tempo de enunciado ocorre depois do tempo do evento, futuro significa (pelo menos) tempo de enunciado antes do tempo de evento, e presente significa simultaneamente com ou sobreposições de tempos.

Como mencionei em Teixeira de Sousa (2012), o Tempo Referencial de Stowell (ZP) corresponde ao argumento interno de $[T]$ e denota um tempo sem denotação indexal fixa: ele simplesmente se refere a um tempo relativo a um tempo situacional ordenado. Em uma oração principal, isso acontece a partir do tempo referencial que denota o tempo de enunciado S . Em uma oração subordinada, ele tipicamente denota o tempo da situação da oração imediatamente mais alta. Nesse sentido, ZP é análogo a PRO.

3. A NEGAÇÃO NO PB

A negação sentencial no PB, como bastante conhecido, pode ser expressa de três formas, a depender no número e posição dos itens negativos: um item na posição pré-verbal, [Neg VP]; dois itens nas posições pré- e pós sentencial, [Neg VP Neg]; e apenas um item pós-verbal, [VP Neg3]:

- (7) a. *A Ana não/num² foi ao teatro* (Neg1)
 b. *Eu não/num fui no teatro não* (Neg2)
 c. *Fui no teatro não* (Neg3)

Na literatura linguística, é frequentemente apontado que a estrutura Neg1 é a única disponível para qualquer contexto sintático, enquanto as outras duas formas apresentam fortes restrições de distribuição, como em encaixadas temporais ou em perguntas-*qu*. No entanto, há ainda diferenças entre as estruturas não canônicas Neg2 e Neg3, o que levou à sua classificação como fenômenos separados (Cf. BIBERAUER & CYRINO 2009, TEIXEIRA DE SOUSA 2012, 1015). Neg3, por exemplo, é impossível em qualquer tipo de encaixada ou inserindo informação nova; já Neg2 é incompatível apenas com infinitivas e encaixadas temporais.

² Na posição pré-verbal, o item negativo 'não' é frequentemente reduzido para a forma clítica 'num'.

Em Teixeira de Sousa (2012, 2015), defendi que enquanto Neg3 é usada apenas como resposta a perguntas polares e como negação metalinguística, as outras duas estruturas, Neg1 e Neg2, são negações semânticas com diferenças de escopo: Neg1 teria escopo sobre eventos e Neg2 é classificada como negação de proposições. Dentre os argumentos apontados em favor dessa proposta está a incompatibilidade de Neg2 com contextos narrativos, em que há a sucessão cronológica de eventos no passado, e em encaixadas temporais, factivas e infinitivas, conforme exemplificado abaixo:

- (8) *Maria acordou pela manhã. Olhou pela Janela. Não viu sinal de chuva (#não). Saiu sem seu guarda-chuva.*
- (9) a. *Eu não durmo, enquanto minha filha não chega em casa.*
 b. **Eu não durmo não, enquanto minha filha não chega em casa não.*
 c. **Eu não durmo não, enquanto minha filha não chega em casa.*
 d. **Eu não durmo, enquanto minha filha não chega em casa não.*
- (10) a. *Lamento que você não possa vir.*
 b. **Lamento que você não possa vir não.*
- (11) a. *Não fumar, faz bem à saúde.*
 b. **Não fumar não, faz bem à saúde.*

Se a incompatibilidade de Neg2 em narrativas está na ausência de proposição, no que diz respeito às orações temporais, a restrição a Neg2 parece estar na forma em que o tempo de evento e o tempo referencial são relacionados. Considerando o caráter anafórico da categoria temporal, entendemos que numa oração matriz, a flexão verbal é vinculada por advérbios ou pelo contexto, podendo gerar uma leitura narrativa. Já quando se trata de encaixadas temporais, é importante entender que a relação evento-temporal se estabelece de outra forma.

- (12) a. *A Maria [disse_{+pas}] que o João não [foi_{+pas}] à festa.*
 b. *A Maria [disse_{+pas}] que o João não [vai_{+fut}] à festa.*

Em (12) o evento de o João ir à festa pode se referir tanto a um tempo anterior ou posterior ao evento da matriz (“A Maria disse”), se, por outro lado, temos sentenças adverbiais temporais, observamos que essas apresentam uma característica importante com relação à fixação do tempo de evento.

- (13) a. *O João [chegou_{+pas}] quando a polícia [estava_{+pas}] (*está_{+pre}) aqui.*
 b. *O João [vai chegar_{+fut}] quando a polícia [estiver_{+fut}] (*estava_{+pas}) aqui.*

Nos dados acima, o tempo de evento da encaixada não pode ser posterior ao tempo da matriz, com isso, podemos argumentar que é a oração adverbial que vincula o tempo referencial. Considerando que a estrutura Neg2 no PB é excluída na presença de subordinativas temporais, ou seja, justamente nos contextos em que o tempo referencial tem um papel, parece-nos que há uma estreita relação entre esse tipo de estrutura e o tempo referencial.

Um ponto importante dessa análise é que Neg2 é classificada como negação semântica de proposição. Proposições são objetos de crença, ou seja, o entendimento de um evento como verdadeiro ou falso parte da crença do falante na verdade ou falsidade de uma sentença. Dessa forma, é mesmo esperado que haja incompatibilidade entre essa estrutura e construções factivas, uma vez que construções factivas são interpretadas como objetos reais no mundo.

As infinitivas também se apresentam como um dado interessante para essa análise. Como os dados em (11) mostram, Neg1, em oposição a Neg2, pode ocorrer em orações infinitivas. Se consideramos que nesse contexto não há flexão de tempo, então, temos uma evidência de que Neg1 e Neg2 se diferem quanto à exigência da categoria Tempo, pois Neg2 só pode ocorrer se há marcação de tempo.

Como já indicado, Neg2 não é compatível com contextos narrativos ou encaixadas temporais. Assim, se o tempo referencial está fixado seja pelo contexto, seja por uma conjunção adverbial, a estrutura não ocorre. Com isso podemos dizer, novamente, que o *não*₂ (fim de sentença) não permite a leitura anafórica do tempo.

Observe o seguinte contexto de coordenação:

(14) *Fui almoçar ao meio dia e já não tinha arroz (*nãõ)*

No exemplo acima, o *já* da sentença coordenada se refere a um tempo específico expresso na primeira sentença, “ao meio dia”. Também nesse caso não é possível a ocorrência de Neg2, o que, mais uma vez, indica que essa estrutura jamais pode se referir a um tempo específico. Uma vez que eventos são apontados como pontuais, um instante num intervalo de tempo (leitura aspectual), podemos entender, então, que essa estrutura não pode negar eventos, mas proposições, que correspondem a todo o intervalo de tempo.

Neg1, por outro lado, se comporta de maneira diferente com relação a esse ponto. Como apontei em Teixeira de Sousa (2015), Neg1 é mal formada se interage com um quantificador distributivo forte como *cada*; isso acontece porque esse tipo de quantificador na posição de sujeito precisa, segundo Negrão (2002), de um argumento de localização espaço-temporal para gerar a leitura distributiva. Assim, uma sentença como *Cada funcionária está grávida num período do ano* só é gramatical por causa do sintagma *num período do ano*. Como pode ser observado no exemplo abaixo, apenas Neg2 é possível em estruturas com o distributivo, o que nos leva a interpretar que Neg1, no dado abaixo, vincula o sujeito a um único evento, não permitindo, dessa forma, a leitura distributiva:

- (15) a. *Cada aluno leu um livro.*
 b. **Cada aluno não leu um livro.*
 c. *Cada aluno não leu um livro não*

Outro argumento em favor da interpretação de Neg2 como negação de proposição é a incompatibilidade desse item com contextos em que apenas parte da proposição é negada. Ao que parece, se o que está sendo negado não corresponde a uma proposição, mas ao tempo de um evento, ou os participantes da enunciação, Neg2 é excluída por condições de felicidade:

(16) A: *O Pedro gostou da peça ontem?*

B1: *Nós não fomos ao teatro ontem não. Acabamos ficando em casa.*

B2: *#Nós não fomos ao teatro não. Nós vamos ao teatro.*

B3: *#Eu não fui com o Pedro ao teatro não. Fui com o João.*

B4: *#Nós não fomos ao teatro ontem não. Fomos ao cinema.*

O efeito sobre o valor de verdade da sentença no caso de Neg2, ilustrado no exemplo acima, tem servido de evidência para caracterizá-la como uma asserção negativa em oposição ao caráter de denegação, pois, mesmo que a interpretação seja de correção de um conteúdo afirmado, esse conteúdo deve ser toda a proposição.

A diferença entre negação de proposição e denegação pode ser observada ao se comparar o uso de Neg3, uma vez que essa estrutura ocorre muito frequentemente como negação metalinguística, se referindo sempre a algo que é mencionado ou dado no contexto:

(17) A: *Como foi a peça ontem?*

B: *Eu num fui no teatro não*

B': *#Fui no teatro não*

(18) A: *O João bateu as botas.*

B: *Bateu as botas não, faleceu.*

B': *Não bateu as botas não. Ainda está vivo.*

Como discutido até aqui, as diferenças distribucionais entre Neg1 e Neg2 me levaram à classificação de tais estruturas como negação de evento e negação de proposição, respectivamente. Na seção anterior, vimos que um evento é interpretado como um instante num intervalo de tempo, o que ocorre a partir da vinculação do tempo de evento a um tempo referencial. Já a proposição é descrita como aquilo que pode ser classificado como verdadeiro ou falso, sendo necessário, para isso, que haja a presença de um marcador temporal.

Um outro contexto em que Neg2 não ocorre e que não discutimos ainda é o das interrogativas-*qu*. Em relação a esse contexto, entendo a caracterização do modo sentencial em relação ao valor de verdade da seguinte forma: o conteúdo proposicional pode ser verdadeiro ou falso, no caso de interrogativas-*qu*, só é possível em relação ao elemento [+*qu*], por meio de subclasses de propriedades de interrogativas-*qu*: pessoas no lugar de *quem*, lugar no lugar de *onde*, tempo no lugar de *quando*, etc. Já para perguntas polares, não há a partição da proposição

entre verdadeiro e falso em relação a uma variável. Se essa caracterização está certa, espera-se que não seja possível um traço [verum] sobre perguntas-*qu* (LOHNSTEIN & STOMMEL 2009), em que o valor de verdade é dado em relação ao elemento-*qu* e não à proposição, mas, no caso de perguntas sim-não, é possível atribuir um valor de verdade à proposição como um todo, o que permite [verum]. Como o dado abaixo ilustra, nesse último caso, Neg2 é possível:

(19) *Você não vai ao cinema não? Eu achei que você fosse.*

Os dados discutidos acima serviram de evidência para a afirmação, feita em Teixeira de Sousa (2012, 2015), de que o PB apresenta duas estruturas que expressam negação semântica, uma com escopo sobre eventos e outra sobre proposições. No entanto, como mencionado, embora os dados apresentem uma clara distinção entre as duas estruturas no que diz respeito à sua interação com a categoria Tempo, a relação estrutural entre a categoria Neg e Tempo não foi discutida nesses trabalhos, fato discutido na próxima seção.

Há vários critérios que distinguem Neg1 e Neg2, que, em resumo, são:

- (i) a exigência da presença de T para Neg2, mas não para Neg1, verificado na distribuição dessa estrutura em orações infinitivas;
- (ii) restrição de Neg2 a contextos em que o tempo do evento está vinculado a um tempo de referência via conjunção com valor temporal.

4. DA RELAÇÃO ENTRE TEMPO E NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Segundo Zanuttini (1991), é possível diferenciar entre as línguas românicas variedades nas quais o marcador negativo tem a propriedade de sempre preceder o verbo e variedades em que o verbo finito é sempre seguido pela negação e, assumindo que os verbos nas línguas românicas sempre se movem para I, distingue dois tipos de línguas em relação à projeção NegP: línguas em que NegP seleciona TP como seu complemento (NEGP1) e outras em que NegP está mais abaixo na estrutura e ocorre independentemente de T (NEGP2).

A evidência para essas duas projeções é dada pela autora a partir de construções imperativas em línguas NegP1 em contraste com NegP2. Nas línguas NegP1, imperativos verdadeiros não podem ser negados, sendo necessário o uso de formas supletivas de imperativo para sentenças negativas, já nas línguas NegP2, imperativos verdadeiros podem ser negados independentemente:

(20) Italiano (NegP1):

- a. *Telefonale!*(Imperativo verdadeiro)
- b. * *Non telefonale!*
- c. * *Non letelefona!*
- d. *Non telefonarle!*(Imperativo supletivo- infinitiva)

(21) Piemontês (NegP2):

- a. *Parla!* (imperativo verdadeiro afirmativo)
- b. *Parla nen!* (imperativo verdadeiro negativo)

Considerando que imperativos verdadeiros não projetam Tempo, a autora afirma que marcadores negativos do tipo NegP1 selecionam TP enquanto marcadores NegP2 não.

Considerando a proposta de Zanuttini, o português é geralmente classificado como uma língua com negação NegP1, uma vez que apresenta negação pré-verbal. No entanto, como os dados de orações infinitivas parecem mostrar, é a negação pré-verbal no PB que não exige a presença de T, sendo possível uma sentença como *Não fumar faz bem à saúde*. Como definir, então, a posição de NegP, sendo o item negativo um núcleo? A nossa proposta é que a negação pré-verbal no PB não seleciona TP, uma vez que não se trata de uma proposição, que deve ser temporalmente marcada, mas a categoria que corresponde ao evento ou situação, AspP ou ZP.

A proposta esboçada acima encontra respaldo no trabalho desenvolvido por Cyrino (2013). Nesse estudo, a autora retoma trabalhos que relacionam a riqueza de concordância ao movimento V-para-T e mostra que o PB perdeu formas verbais sintéticas e tem exibido características de línguas que apresentam apenas uma forma para os três tempos (passado, presente e futuro). Conforme argumenta, o verbo no PB apresenta características não mais de tempo, mas de aspecto (perfectivo, progressivo) e se move apenas parcialmente, para uma projeção mais baixa que TP, ou melhor, TP₂ em sua análise.

Assim, diferentemente de Zanuttini (1996, 1997) que, a partir de imperativos verdadeiros no italiano, afirma que o núcleo Neg só ocorre se há tempo, proponho que a relação entre o núcleo de NegP (negação pré-verbal), pelo menos no PB, se dá em relação à variável evento, o que, dependendo da análise, pode se referir à categoria aspecto –AspP, T₂ ou ZP. Com isso, salientamos que a relação entre negação e tempo não é uma relação necessária nas línguas e pode coocorrer com a interpretação aspectual.

No que diz respeito a Neg2, como os dados discutidos acima parem indicar, observa-se uma relação entre o item negativo pós-verbal, *não*₂, e a categoria Tempo, o que me levou a defini-la como uma negação de proposição, ou seja, o que está em jogo quando se usa uma estrutura Neg2 é o valor de verdade da sentença. Nesse caso, espera-se que o *não*₂, devido ao seu carácter proposicional, seja concatenado a uma categoria acima de TP. Uma primeira hipótese, considerando-se trabalhos anteriores sobre negação, seria a categoria responsável pela polaridade da sentença, ΣP ou PolP, que é normalmente introduzida acima de TP.

O tipo de elemento que, segundo Laka (1994), constitui a categoria Σ está sempre relacionado ao valor de verdade de uma sentença: ou eles mudam o valor de verdade (neg), ou afirmam (aff) ou negam o que é falso. Assim, no que diz respeito à natureza de Σ, essa pode ser caracterizada a partir das pressuposições do falante: Neg cancela uma pressuposição afirmativa, Aff cancela uma pressuposição

negativa e elementos enfáticos como *so* do inglês cancelam o cancelamento de uma pressuposição afirmativa. Essa é justamente a interpretação dada a estruturas Neg2, negação semântica de proposições. Assim, poderíamos seguir a proposta de Biberauer & Cyrino (2009) de que o segundo item pós-sentencial, *não*₂, ocorre em PolP em uma relação de concordância negativa com o *não*₁ pré-verbal; mas como dar conta da ordem dos elementos na sentença, uma vez que o *não*₂ ocorre sempre no final da sentença? A proposta das autoras é que o *não*₂, como núcleo de PolP, atraia toda a sentença para seu especificador:

(22) *O João comprou a casa?*

a. *Ele disse que* [_{PolP} *não*₂]

b. Negação simples: *Ele disse que* [_{PolP} [_{TP} *num/não*₁ *comprou*]]

c. Negação enfática: *Ele disse que* [_{PolP} [_{TP} *num/não*₁ *comprou*] *não*₂ <TP>]

A proposta de Biberauer & Cyrino (2009), ao acionar o núcleo de PolP, é interessante, porque parece dar conta da interpretação semântica de Neg2, mas a distinção estabelecida entre as estruturas Neg1 e Neg2 não é a mesma que adoto, uma vez que a distinção dada pelas autoras se dá em termos de negação simples *versus* enfática. Como indicado nos dados acima, Neg1 tem a função de negação de eventos e pode ocorrer independentemente de T, mas ainda com a marcação do tempo de evento, o que a colocaria numa posição acima de AspP. Neg2, por outro lado, é analisada como uma negação de proposições, ou seja, tem a função de negar o valor de verdade da sentença, função essa normalmente atribuída ao núcleo Pol. No entanto, o que os dados em interação com conjunções adverbiais parecem mostrar, a função do *não*₂ parece ser a de vincular o tempo referencial da sentença, o que acaba por gerar a sua interpretação de negação de proposições. Dessa forma, proponho que o *não*₂ é, na verdade, um elemento de valor temporal que vincula o tempo referencial, tal qual fazem alguns advérbios.

Uma possível evidência para tal análise está na incompatibilidade da estrutura com encaixadas temporais. Essas orações vinculam o tempo referencial e estabelecem a leitura aspectual/temporal (*quando*, *enquanto*, *depois que*) e a incompatibilidade desses elementos com o *não*₂ sugere a sua distribuição complementar. Observe que *não*₂ não é incompatível com o item negativo pré-verbal, mas é incompatível com orações e advérbios temporais; somando-se isso à sua interpretação exclusivamente proposicional, temos fortes indícios de que esse item tem a mesma função.

Essa proposta dá conta do fato de a presença do item *não*₂ não ser necessária à interpretação negativa de uma sentença, uma vez que basta a ocorrência do *não* pré-verbal para a interpretação negativa. Assim, a coocorrência de *não*₁ e *não*₂ não deve ser compreendida exatamente como concordância negativa, pois a presença do *não*₂, ao vincular o tempo referencial da sentença, confere a ela um alcance proposicional — daí o caráter anafórico atribuído a essa estrutura por alguns autores (SCHWENTER 2005; CAVALCANTE 2012). Tendo-se estabelecido a função do *não*₂ como descrito, falta tratar da sua relação com a categoria de polaridade.

No que diz respeito à polaridade da sentença, como mencionamos acima, segundo Laka (1994), a função da categoria Σ pode ser caracterizada a partir das pressuposições do falante: Neg cancela uma pressuposição afirmativa, Aff cancela uma pressuposição negativa e elementos enfáticos como *so* do inglês cancelam o cancelamento de uma pressuposição afirmativa. Esse parece ser o padrão abaixo:

(23) A: *Você não me convidou pra sua festa.*

B: *Eu te convidei **sim**.*

(24) A: *Mas eu te convidei pra minha festa*

B: ***Não** me convidou **não**.*

Esse paralelismo entre *sim* e o *não*₂, no entanto, não é observado sempre, veja os dados abaixo:

(25) a. *Nossa! Falando do Juanito, **não** entreguei o trabalho dele **não**.*

b. *#Nossa! Falando do Juanito, entreguei o trabalho dele **sim**.*

(26) A: *Você tá nervosa. O que aconteceu?*

B: ***Não** estou encontrando minha carteira **não**.*

B': *#Perdi minha carteira **sim**.*

(27) A: *E o João? Não ouço nada dele há tempos*

B: *O João **não** anda bem **não**.*

B': *#O João anda bem **sim**.*

Como os dados acima mostram, o *não*₂ pode ocorrer mesmo que não haja conteúdo pressuposicional no contexto, o mesmo não pode ser dito sobre a partícula *sim*, que exige uma pressuposição negativa no contexto imediato, o que reforça nossa análise de que o *não*₂ não é uma instanciação de polaridade ou, pelo menos, não no sentido que lhe é normalmente atribuído.

Como argumentei acima, o *não*₂ parece vincular o tempo referencial das sentenças em que aparece, gerando uma leitura proposicional, assim, mais do que marcar a negação, que já está marcada pelo *não* pré-verbal, ele marca a proposicionalidade do conteúdo. Assim, se mantemos a proposta de Biberauer & Cyrino (2009) de que esse item é um núcleo de PolP que atrai toda a sentença para seu especificador, é necessário associar essa categoria ao tempo referencial. De certo modo, uma vez que às partículas polares se atribuí uma certa anaforicidade e que na proposta de Laka o conteúdo com qual esses itens lidam é sempre pressuposicional, me parece que a esses itens é possível se atribuir um traço de referencialidade, o que os permite, assim como o *não*₂, dizer de toda a proposição. Dessa forma, proponho que o que conjuga esses itens dentro de uma mesma categoria não é seu traço de polaridade, mas de referencialidade. Nesse sentido, opto pelo uso do termo Σ em vez

de Pol, para caracterizar a categoria que tem o *não*₂ como núcleo, ressaltando, no entanto, que nessa proposta trata-se de uma categoria que codifica referencialidade e não necessariamente polaridade.

Retornando ao tema negação e tempo, é importante mencionar que têm surgido muitos trabalhos que relacionam diferentes interpretações da negação a sua relação com Tempo e Aspecto. Além do estudo já mencionado de Ramchand (2001), há o trabalho de Arkadiev (2017) sobre a relação entre o perfeito e a negação em línguas da Eurásia. Segundo o autor, a relação entre o sistema de tempo-aspecto e a negação têm sido pouco explorada, apesar de se mostrar relevante translinguisticamente. No Lituano, segundo argumenta, há duas posições possíveis para o marcador negativo:

(28) Lituano:

- a. Aš es-u skait-ęs ši-ą knyg-ą.
Eu AUX-PRS.1SG ler-PAS.PA.NOM.SG.M esta-ACC livro-ACC.SG
'Eu li este livro'
- b. Aš **ne**-s-u skait-ęs ši-os knyg-os.
Eu NEG-AUX-PRS.1SG ler-PAS.PA.NOM.SG.M esta-GEN livro GEN.SG
- c. Aš es-u **ne**-skait-ęs ši-os knyg-os.
eu AUX-PRS.1SG NEG-ler-PST.PA.NOM.SG.M esta-GEN livro-GEN.SG
b=c 'Eu não li este livro.'

E distingue duas interpretações da combinação do perfeito com a negação dependendo de seu escopo relativo: (i) interpretação alta (NEG > PER), significando 'não é verdade que a situação V tenha relevância nesse momento' e (ii) interpretação baixa (PER > NEG), significando 'a situação não-V tem relevância nesse momento'. Ainda segundo Arkadiev, as duas negações não são mutuamente excludentes e, embora raros, há dados de dupla negação com a interpretação de 'não é o caso que não-V aconteceu':

- (29) Niekada **ne**-s-u **ne**-padiėj-ęs žmog-ui
Nunca NEG-AUX-PRE-1PS NEG-ajudar-PRE-PA-NOM-SG pessoa-DAT-SG
vien Del to, kad jis yra vienos ar kitos partijos narys.
'Nunca foi o caso que eu não tenha ajudado uma pessoa só porque ele foi membro de um partido particular.'

Embora os dados das línguas apresentadas por Arkadiev não sejam exatamente o que ocorre no PB, uma vez que no PB a diferença de interpretação não diz respeito apenas à posição dos itens na sentença, mas também ao número de marcadores envolvidos, os dados da língua discutidos exibem uma distinção de interpretação da negação considerando duas posições para os itens negativos, uma mais alta e outra mais baixa, que se relacionam com Tempo ou com Aspecto. Assim, observa-se que há evidências translinguísticas suficientes para se considerar a relação tempo-aspecto como fundamental para interpretação da negação. Uma questão que pode ser feita, especialmente considerando os dados

do PB, é se o famoso ciclo de Jespersen pode estar, na verdade, evidenciando diferenças estruturais de interpretação da negação, uma vez que em muitas línguas as diferentes estruturas da negação coexistem numa mesma gramática.

4. DA RELAÇÃO NEGAÇÃO E TEMPO

Como apontado na introdução, a relação entre negação e tempo tem sido tratada na literatura linguística desde Pollock, seja para definir a ordem dos elementos na estrutura sintática, seja para analisar a interpretação de diferentes sentenças negativas. Neste trabalho, tentei mostrar que a negação sentencial verdadeira no PB é pré-verbal, mas, que diferentemente do que é normalmente apontado, seu escopo não é o conteúdo proposicional da sentença, mas a variável evento. Assim, entendemos que a categoria NegP, nessa língua, é gerada abaixo de TP, mas acima de AspP, o que está de acordo com o trabalho desenvolvido por Cyrino (2013), uma vez que para essa autora o PB apresenta apenas movimento de verbo parcial e com propriedades aspectuais.

Já a estrutura Neg2, como descrito, exige a presença de T e é interpretada invariavelmente como uma negação de proposição. Isso nos levou a interpretar o item negativo pós-verbal dessa estrutura como um elemento que vincula o tempo referencial da sentença, o que gera a interpretação proposicional e, ao mesmo tempo, restringe sua ocorrência há ambientes em que o tempo referencial é vinculado via contexto. Assim, diferentemente dos estudos anteriores sobre esse tema, defendemos que o *não*₂ é um elemento que tem interpretação temporal. Com isso, teríamos no PB dois tipos de Neg, uma que constitui o núcleo da projeção NegP e outra que é um núcleo da categoria Σ , que, diferente da sua aplicação mais tradicional, codificaria referencialidade.

Embora alguns ajustes sejam ainda necessários, a análise esboçada acima apresenta a vantagem de explicar a coocorrência com o *não*₁, já que esse item pode negar a sentença independentemente.

Um ponto importante dessa análise diz respeito a como a categoria NegP é gerada. Como defendemos, essa categoria no PB tem escopo sobre eventos e, considerando que a marcação do tempo de evento se dá via aspecto, propomos que sua posição é acima de AspP. Também vimos que, em outras línguas, a categoria NegP seleciona TP, como mostra a sua incompatibilidade com imperativos verdadeiros, assim, uma questão importante é se a posição de NegP varia translinguisticamente ou se a diferença diz respeito a propriedades morfossintáticas dessa projeção. No entanto, vários estudiosos têm observado em algumas línguas a ocorrência de negações diferentes a depender do aspecto verbal, como parece ser o caso do Bengali e do Lituano. Assim, faz-se necessário observar se o que está em jogo nessas línguas é o elemento que NegP toma como complemento, que poderia variar entre TP e AspP, ou propriedades morfossintáticas dos itens lexicais. De forma geral, o que parece evidente é que há ainda muito o que se explorar na relação entre as categorias Negação e Tempo-Aspecto.

REFERÊNCIAS

- ARKADIEV, Peter. Perfect and Negation: Evidence from Lithuanian and Sundry Languages. Manuscrito, 2017. Disponível em: https://www.ntnu.edu/documents/1263060585/1265033590/Arkadiev_perfectvariation.pdf/b3f6ff65-2d1b-43a9-bf72-88785ef45570.
- BIBERAUER, Theresa; CYRINO, Sonia. Appearances are deceptive: Jespersen's Cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance-based Creoles, paper presented at Going Romance 23, University of Nice, Nice, 2009.
- BUTLER, J. The Phase Structure of Tense. In.: M. McGinnis and N. Richards (eds.). *Perspectives on Phases* [MIT Working Papers in Linguistics 49] Cambridge MA: MIT, 2005, pp. 68-85.
- CAVALCANTE, Rerisson. *Negação anafórica no Português Brasileiro: Negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte*. São Paulo. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2012.
- CINQUE, G. Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.
- CYRINO, S. M. L. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In.: Camacho-Taboada, V.; Jiménez-Fernández, A.; Martins-González, J.; Reyes-Teredor, M. (eds) *Information Structure and Agreement*. John Benjamins, 2013, pp. 297-317.
- DAVIDSON, Donald. The logical form of action sentences. In.: Rescher, Nicholas (ed.) *The logical of decision and action*. Pittsburg: University of Pittsburg, 1967, pp. 81-95.
- DAVIDSON, Donald. *Essays on Actions and Events*. Oxford: Clarendon Press, 1980.
- GIORGI, Alexandra; PIANESI, Fabio. *Tense and aspect: from semantics to morfosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- HORNSTEIN, Norbert. *As Time Goes by: Tense and Universal Grammar*. MIT Press, 1990.
- KAMP, Hans. "A theory of truth and semantic representation", in J.A.G. Groenendijk, T.M.V. Janssen, and M.B.J. Stokhof (eds), *Formal methods in the Study of Language*, Mathematical Centre Tracts 135, Amsterdam: Mathematisch Centrum, 1981. pp. 277-322.
- KAMP, Hans; REYLE, Uwe. *From discourse to logic: Introduction to a Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer, 1993.
- KRATZER, A. Modality/Conditionals. In. STECHOW, A.; WUNDERLICH, D. (eds), *Semantik: ein internationales Handbuch der Zeitgenössischen Forschung, V.6 of Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft*, Walter de Gruyter, Berlin, 1991, pp. 639-656.
- LAKA, I. *On the syntax of Negation*. New York: Garland, 1994.
- LOHNSTEIN, H.; STOMMEL, H. Verum focus and Phases. In. PANAGEOTIDIS, P.; GROHMAN, K. (eds.) *Linguistic Analysis*, vol. 35, 2009, pp. 1-4.
- NEGRÃO, Esmeralda V. Distributividade e Genericidade nos sintagmas introduzidos por CADA e TODOS. *Revista do Gel* (1) 87-89, 2002.
- PARTEE, Barbara H. "Nominal and temporal anaphora" *Linguistics and Philosophy* 7, 1984, pp. 243-286.

- POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, Universal Grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, vol. 20, 1989, pp. 365-424.
- RAMCHAND, Gillian. Stativity and Present Tense Epistemics. Proceedings of SALT XXIV: 102-121, 2014.
- RAMCHAND, Gillian. Two types of negation in Bengali. In: DAYAL, V.; MAHAJAN, A. (eds.) *Clause Structure in South Asian Languages*. Dordrecht: Kluwer, 2001.
- RAMCHAND, Gillian. *Aspect and Predication*. Oxford University Press: Oxford, 1997.
- REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. New York: The Free Press, 1947.
- RIVERO, Maria Luisa. Clause structure and V-movement in the languages of Balkans. *Natural Languages and Linguistic Theory* 12 v.1, 1994, pp. 63-120.
- SCHWENTER, Scott A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, vol. 115, 2005, pp. 1427-1456.
- TEIXEIRA DE SOUSA, Lilian. *Syntax and interpretation of sentential negation in Brazilian Portuguese*. PhD dissertation State University of Campinas, Campinas, 2012.
- TEIXEIRA DE SOUSA, Lilian. "Three types of negation in Brazilian Portuguese". *Lingua* v. 159, 2015, pp. 27-46.
- STOWELL, T. The phrase structure of tense. In. ROORYCK, J.; ZARING, L. (eds.) *Phrase structure and the lexicon*, Dordrecht: Kluwer, 1996, pp. 277-291.
- ZANUTTINI, Raffaella. Syntactic properties of sentential negation: a comparative study of Romance Language. Tese (Doutorado em Linguística), University of Pennsylvania, 1991.
- ZANUTTINI, Raffaella. 'On the relevance of tense for sentential negation'. In A. Belletti & Rizzi (eds.), *Parameters and functional heads: Essays in comparative syntax* New York: Oxford University Press, 1996, pp. 81-207.
- ZANUTTINI, Raffaella. *Negation and clausal structure*. Oxford: Oxford University Press, 1997.